

das palavras. As ficções parabólicas são intersecções entre a literatura e a teologia, facto difícil de contestar. Relativamente às referências bibliográficas, revelam-se, na sua generalidade, pertinentes e atualizadas para o filão lógico-argumentativo do trabalho. Em anexo, o leitor é ainda brindado com uma entrevista a Pilar del Rio. Considere-se este um estudo relevante e enriquecedor para o estado da arte não podendo, no entanto, deixar de se assinalar que a sua estrutura pluripartida e fragmentada compromete, por vezes, uma leitura coesa, articulada e fluída. “Deus é o silêncio do universo e o homem é o grito que dá sentido a esse silêncio”, como o dizia frequentemente José Saramago, e é a partir desta premissa que Marcio Cappelli nos convence, de forma meritória, do inegável poder catalisador do fator Deus, força fecunda na ficção de José Saramago.

Ana Isabel Martins

<https://orcid.org/0000-0001-8342-8763>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_12_15

ILUMINURAS. LITERATURA PORTUGUESA E MEDIEVALISMO

PAULO ALEXANDRE PEREIRA

Lisboa: Edições Sílabo, 2021

268 páginas, ISBN 9789895611997

Em *Iluminuras. Literatura portuguesa e medievalismo*, Paulo Pereira aborda o processo contínuo de recriação da Idade Média próprio dos estudos de

medievalismo, os seus fundamentos epistemológicos e a sua heurística própria, numa perspetiva metodológica comparatista adequada ao diálogo crítico de historicidade híbrida que a medievística entretetece com as remanências modernas e contemporâneas, ou seja, com a dialética presença *vs.* ausência a que se acrescenta o efeito de dilação temporal.

Num conjunto de onze ensaios distribuídos em duas partes – “Artes de trovar” e “Artes de contar” – e internamente organizados em função da cronologia dos escritores, o professor da Universidade de Aveiro perscruta um *corpus* de poesia e prosa portuguesas que se estende entre os séculos XIX e XXI. Os retornos medievalistas estudados multiplicam as imagens refratadas de múltiplas Idades Médias. As suas interações ao longo de um eixo escalar, desdobrado em replicações modeladas entre um mimetismo sempre *aggiornato* e um contratexto paródico ou derrogatório, desocultam o presente da escrita mais do que o passado que revisitam. O olhar que lançam sobre a alteridade medieval percorre quase toda a literatura, com maior incidência na variada genologia trovadoresca e na literatura didático-religiosa, do *exemplum* à hagiografia, e, com menor incursão, nas canções de gesta, no romance de cavalaria e na historiografia, sendo a grande ausente a poesia palaciana.

No imenso palimpsesto que o medievalismo literário reescreve, o autor demonstra como a traça do passado

oscila entre o apelo à memória de um leitor culto, que identifica as reverberações medievais implícitas, e a sua eclosão, entre o deliberado e o ostensivo, na superfície do texto e materializada em alusões e citações de efeitos retroativos ou projetivos. Considerando a formação medievística de Paulo Pereira, a sua inteligência e meticulosidade analítica e interpretativa, estes ensaios atestam os benefícios da interdependência entre um constructo erudito da Idade Média “pura” e as reemergências medievalistas cuja criatividade é potenciada pela relativização da sua veracidade. Na diversidade de abordagens que discute, o autor coloca em diálogo as coordenadas estético-culturais do intertexto medieval com os filtros epocais que se intersejam nas reconfigurações literárias apresentadas, constituindo esta hermenêutica dos fenómenos de receção criativa a grande novidade destas *Iluminuras*.

Em “*Medievalite*. António Nobre e o medievalismo finissecular” (pp. 11–32), o professor parte de testemunhos esparsos sobre a relação do poeta (1867–1900) com a Idade Média para, em cartas e poemas, sinalizar ecos ideotemáticos de trovadorismo, romances e canções de gesta, mas, sobretudo, de sonoridades prosódicas e rítmicas tradicionais ao gosto lírico de Garrett e também do fim de século. A poesia de António Nobre combina a fantasia medievalista com a “propensão regressiva” crónica (p. 17), em “Males do Anto” designada “*medievalite*”:

saudade do mundo em que cresceu confundida com o universo de referências medievais, em jeito de *ornatus* fantasista e compensador do sentido de queda e da sua contemporaneidade decetiva.

Regressando a um dos temas da sua dissertação de doutoramento (2005), “Entre o canto e o pranto. Saudade e filologia no neotrovadorismo de Afonso Lopes Vieira (1878–1946)” (pp. 34–57), Paulo Pereira dissecou o intertexto da herança trovadoresca subjacente à forma popularizante e folclorizante que adota e à subsequente diluição do estatuto áulico da lírica medieval. Na retoma por vezes explícita dos modelos trovadorescos, o neotrovadorismo de Afonso Lopes Vieira abre-se à estesia romântica e simbolista, na relação vivificadora com a natureza ou na sensibilidade ao inefável, e na reinvenção poética de uma memória lírica que lhe permite expressar em simultâneo o eu conflitivo e a sua pátria.

No terceiro capítulo, “Ferir pela palavra. Catarse e *contrafactum* nas *Dedicácias*, de Jorge de Sena” (pp. 59–83), o estudioso incide nas derivas neotrovadorescas inspiradas na tradição satírica que animam a escrita ensaística de Jorge de Sena e as *Dedicácias* (1999) com que subversivamente mima, em registo de poema à *clef*, ilustres representantes da academia e das letras, desferindo fel em registo aproximável de cantigas de escárnio, sirventeses pessoais, literários

e morais. Neste exercício comparativo descobre-se o predomínio do equívoco lúdico sobre um maldizer de virulência inusitada a raia o escandaloso, bem como o repertório retórico de matriz medieval em que assenta o idioleto satírico seniano e a sua carnavalização derogatória.

Em “Uma ‘arqueologia produtiva’. Natália Correia e a tradição trovadoresca” (pp. 85–100), Paulo Pereira destaca a voz da poeta (1923–1993), também ela ensaísta em matéria trovadoresca, analisa as suas afinidades com a ibericidade e a unidade galaico-portuguesa e com a revelação do espírito feminino que a *fin’amors* instancia. Na vertente poética, a reescrita citacional ora canoniza a herança literária e a sua portugalidade endógena, ora distorce a sua referencialidade em registo surrealizante. É em *Cantigas de amigo*, *Cantigas de Risadilha* e *Cancioneiro joco-marcelino* (1999) que a poeta mais flagrantemente renova os géneros medievais, alinhando as diferentes vocalidades num “androgínato lírico primordial” (p. 94) ou em irreverências lúdico-demolidoras e *quase todas parlamentares*.

Em “‘Não é do cráter sagrado a demanda’. Lancelote, Roberto Bresson e João Miguel Fernandes Jorge” (pp. 101–123), o professor discute a poesia culturalmente omnívora de Fernandes Jorge (n. 1943), o modo como as alusões culturais e artísticas catalizam sentimentos que o poeta desvincula do seu eu e como o real ou o verosímil é deslocado e reinscrito num passado medie-

val. *Pickpocket* (2009) ilustra como se opera uma “transdução estilística” (p. 117) da cinematografia bressoniana em sincrética transcontextualização de fragmentos da *Demanda do Santo Graal* e de ecos da poesia trovadoresca, intersetando oscilações vocais e visuais entre o universo arcaico e o mundo solitário e esvaziado de transcendência do sujeito lírico contemporâneo.

A partir da modernização disruptiva e lúdica de uma alba catalã novecentista, no capítulo “Modos de amanhecer. Inflexões da alba na poesia portuguesa contemporânea” (pp. 125–141), Paulo Pereira estuda três casos de livre manipulação genológica em que o desengano niilista ensombrece a despedida dos amantes: a alba “pacifista” de Natália Correia, com o fundo bélico sublimado pelo erotismo feminino; a alba homoerótica de Joaquim Manuel Magalhães (n. 1945) a tematizar um encontro homoerótico; e a alba elegíaca de Pedro Sena-Lino (n. 1977), cujo pendur filosófico-especulativo ontologiza a impossibilidade de união amorosa.

A segunda parte do volume, consagrada às retextualizações medievalistas narrativas, começa com o estudo “Medieval, romântica, pós-moderna. Transcontextualização e metamorfose na lenda da dama pé-de-cabra” (pp. 145–177), centrado nas refuncionalizações semânticas do relato fantástico de uma melusina portuguesa: no *Livro de Linhagens* (1340–1344) do conde D. Pedro de Barcelos, como forma de

legitimação da linhagem dos Haros; em chave romântica, no conto (1843) de Alexandre Herculano (1810-1877), que reenquadra a *amplificatio* da versão primitiva num “rimance de um jogral”; e em duas atualizações pós-modernas que desenvolvem a temática do incesto na descendência da dama pé-de-cabra: “O Livro dos mortos” (1985), de Amadeu Lopes Sabino (n. 1943) e “Fascinação” (2004), de Hélia Correia (n. 1949).

Com o pressuposto de que “os gêneros narrativos fundam modos particulares de conhecimento” (p. 179), em “O tesouro”. Do *exemplum* ao conto” (pp. 179–208), estudam-se três versões de um apólogo provavelmente oriental: o *exemplum* citado no *Horto do esposo*, obra didático-teológica de finais do século XIV, o “Pardoner’s tale”, de Chaucer (última década do século XIV), e o conto “O tesouro” (1894), de Eça de Queirós, discutindo, respetivamente, as dificuldades da coexistência entre narrativa e doutrina, uma mentalidade amoral e contraditória e a distância ética diante da fereza dos ladrões assassinos.

Em “Paralelismo imperfeito. Tradição e reescrita em o *Físico prodigioso*, de Jorge de Sena” (pp. 201–208), Paulo Pereira demonstra como, derivada de dois *exempla* também citados no *Horto do esposo*, a novela (1966) reconfigura a cenografia medieval num quadro em que fantástico e satírico exploram fulgurantemente o potencial erótico e a liberdade individual, ressignificando o presente da escrita e a repressão do Estado Novo.

Na senda do fascínio que a contemporaneidade tem prestado à santidade feminina, o capítulo “Doenças da santidade. Jorge de Sena e Michèle Roberts” (pp. 209–223), estuda as modulações da relação entre a santidade e a neurastenia no conto “O grande segredo” (1961), de Jorge de Sena, e no romance *Impossible saints* (1997), da escritora feminista inglesa Michèle Roberts (n. 1949).

O volume encerra com um estudo dedicado a um romance de Walter Hugo Mãe (n. 1971), “*Heart of darkness*. O medievalismo sujo de *O remorso de Baltazar Serapião*” (pp. 225–240), onde se sublinha o entorno difusamente medieval que enquadra a violência de género e o terrorismo patriarcal expressos numa alteridade idiomática com ressonâncias de *medievalês*.

Da leitura estimulante destas *Iluminuras*, fica-se com a ideia de que, excluindo o potencial verbal da tradição trovadoresca e a replicação lúdica que inspira experimentalismos literários ou refuncionalizações genológicas, no universo medievalista retratado, dominam as imagens de uma Idade Média mais negra do que dourada ou, para usar a tipologia de David Matthews, mais gótico-grotesca do que romântica. Poderá igualmente inferir-se uma sedução autoral pelas recontextualizações transgressivas que interrogam a doxa medieva, instabilizando binarismos redutores e geralmente impostos por um pensamento masculino. As estratégias de arqueologia cria-